

RUAS DE BELÉM

Diário do Pará
SÁBADO e DOMINGO

BELÉM-PA, 25 e 26/01/2025
24h de notícias • www.diariodopara.com.br

 diariodopara  jornaldiariodopara  jornaldiariodopara

Um mergulho histórico nas ruas de Belém

O DIÁRIO DO PARÁ publica neste final de semana um especial contando tudo sobre 10 ruas icônicas da capital paraense. Conteúdo 100% digital e de graça. Viaje conosco e boa leitura!

Oferecimento:

ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA
ESTADO DO PARÁ

Claro
Você merece o novo.

HOSPITAL
HSM

VALE

A via que liga o passado e o presente da Pedreira

A Pedro Miranda passou por diversas intervenções urbanísticas para se adequar ao crescimento da cidade de Belém e hoje se tornou o principal do bairro do samba e do amor

HISTÓRIA

Cintia Magno

Quem hoje vê a larga via que corta o bairro da Pedreira não imagina o cenário que marcava a avenida Pedro Miranda algumas décadas atrás. Inicialmente marcada por um caminho modesto e alagadiço, a via passou por um intenso processo de transformação ao longo do tempo, que também esteve relacionado à expansão da cidade para além do centro.

Para compreender como se dá o surgimento da via que daria origem à atual avenida Pedro Miranda, o historiador Jaime Cuéllar Velarde aponta que é preciso retroceder até o primeiro grande Ciclo da Borracha na Amazônia, período intimamente ligado ao projeto de embelezamento e urbanização da metrópole.

O professor destaca que na obra 'Produzindo Riquezas na Belle Époque: Belém e o Pará (1870-1920)', a historiadora Maria de Nazaré Sarges analisa as marcas econômicas e sociais de Belém e do Pará durante a Belle Époque. "Ela é quem melhor detalha o contexto de um momento de nossa história em



A Aldeia Cabana é uma das referências da avenida e recebe os desfiles das escolas de samba FOTO: MAURO ÂNGELO

que os políticos e elites econômicas, colonizados pelos ideais de modernização europeia, ousaram importar o glamour de Paris para Belém (PA)", explica, ao apresentar o contexto em que Belém passa pelas transformações urbanísticas empregadas pela gestão do então intendente Antônio José de Lemos, que foi de 1897 a 1911.

Ainda que a administração e idealização da capital paraense fosse do intendente, Jaime Cuéllar Velarde explica que a responsabilidade de prestar suporte científico e de executar o saneamento das áreas de palafitas da cidade ficou a cargo do sanitarista e ami-

go próximo de Antônio Lemos, o Doutor Pedro Miranda. Influenciado pelo saber médico cartesiano europeu, Pedro Miranda foi o responsável pela implantação de uma rede de esgotos e um sistema de abastecimento de água potável. "Entretanto, os mosquitos abundantes em regiões alagadiças foram o principal obstáculo do doutor Pedro Miranda. Daí a necessidade de aterrar e/ou pavimentar as ruas esburacadas e alagadas em vários setores. Um grande problema, haja vista as chuvas e canais transbordando em Belém", explica o historiador.

Diante deste contexto – que não deixou de enfrentar re-

sistência por parte da população - e das medidas urbanísticas empregadas por Antônio Lemos, os trabalhadores, sobretudo as populações afroindígenas de Belém, foram sendo afastadas do centro urbano para áreas mais distantes da cidade.

"Sobre o surgimento do bairro da Pedreira e, por conseguinte, da avenida Pedro Miranda, o historiador Vicente Juarimbu Salles, ao abordar o cotidiano das populações afroindígenas de Belém, aponta pistas valiosas sobre como estas pessoas foram se afastando do núcleo urbano para áreas mais distantes. O motivo: a área

hoje conhecida como Umarizal sofrendo colonização em seus comportamentos, foi se aburguesando e limitando também outras práticas culturais. Com isso, caboclos buscavam espaços para seguir seus modos de vida, em especial as práticas de religiões de matriz africanas-indígenas”, explica o historiador.

O professor lembra ainda que Belém também vivenciou o advento da construção da estrada de ferro de Bragança, em 1884, o que também influenciou a maior ocupação da área do bairro da Pedreira. “A partir deste momento, a área da ‘Pedreira do Guamá’ foi ganhando mais trabalhadores e moradores. Os vários ‘caminhos’ já existentes, que depois foram ruas e avenidas, foram ganhando densidade populacional. Dentre estas vias, uma que percorria em paralelo à estrada de ferro. Mais tarde, chamada de Avenida Pedro Miranda, em homenagem ao sanitarista homônimo”.

O início da ocupação daquela região se deu, justamente, ao longo do caminho que hoje se chama de avenida Pedro Miranda. “Se observarmos, a linha percorre todo o bairro. Isso significa que ao longo dela se estabeleceram pontos comerciais, como venda de peixes, frutas diversas, tecidos, panelas, potes, cordas, redes etc. O comércio do bairro ganhou vigor desde o século XIX para poder atender as demandas diárias de consumo”, pontua o historiador. “O vigor das atividades comerciais era tamanho na avenida Pedro Miranda que chegou a inspirar a inauguração do primeiro supermercado de Belém, o Carisma. Por sua vez, no mesmo prédio, o poderoso grupo Y. Yamada seguiu a venda à varejo”.

Na memória da aposentada Terezinha Nogueira, 83 anos, as



A avenida durante a década de 1960

FOTO: REPRODUÇÃO

lembranças da avenida Pedro Miranda datam da época em que a via ainda era marcada por uma parte alagadiça, em que as pessoas precisavam transitar por cima de palafitas, já às proximidades da travessa Perebebuí. A moradora do bairro lembra que, há pouco mais de 30 anos, o espaço que hoje abriga a estrutura da Aldeia Cabana era bem diferente. “O que eu lembro, de quando eu cheguei aqui (para o bairro da Pedreira) em 1978, é que a Pedro Miranda era lama, a gente tinha que andar em cima de tábuas, por cima das pontes, com medo de cair”, recorda. “Agora mudou muito. Tem a Aldeia Cabana, o tempo todo é movimento de carro”.

O movimento que hoje marca a larga avenida é aproveitado pela autônoma Rosângela Soares, 59 anos. Responsável por uma venda de mudas de plantas ornamentais na avenida, ela também recorda do período em que os carros não conseguiam sequer transitar pela via. “Era muito diferente, só água. Teve um tempo que a Pedro Miranda era só igapó”, recorda, ela que mora no bairro da Pedreira há 40 anos. “A gente andava por cima das pontes porque não tinha o canal (Canal da Pirajá) feito ainda, então alagava mesmo. Agora mudou muito”.



Terezinha lembra que a via tinha muitas palafitas FOTO: MAURO ÂNGELO

PARA ENTENDER

CULTURA E SAMBA

- Além do período de transformações urbanísticas, a avenida Pedro Miranda também teve a história marcada pela cultura e pelo samba. O historiador Jaime Cuéllar Velarde lembra que, mesmo passada a pujança do período da borracha, a avenida Pedro Miranda recebeu o Cine Paraíso, em fevereiro de 1956.

- “O Cine Paraíso contava com equipamento estadunidense, assim como as cadeiras importadas. Demonstração da força cultural daqueles moradores e do forte apelo comercial do bairro. Na entrada, para acessar a sala, plantas ornamentais e a frase ‘Faça deste cinema o seu Paraíso’, acolhia os frequentadores. Com igual importância, houve o Cine Rex (depois chamado de Cine Vitória)”, aponta.

- “O fundador do Cine Paraíso, o senhor Manoel Moreira, era de origem portuguesa. Em meados de 1927 transferiu-se com a família para Belém a bordo do navio Hillary. Empreendeu no comércio varejista e logo

criou o cinema. Juntou alguma fortuna, mas a arte e cultura do bairro o seduziram a investir em campeonatos de pássaros e grupos juninos. O mesmo Manoel Moreira está dentre aqueles que fomentaram o futebol e a criação do time Esporte Clube Pedreirense Santa Cruz”.

- Outro marco cultural da avenida foram as casas noturnas. “Mesmo aquelas sem fins comerciais, sempre foram espaços de visitas de compositores, artistas do samba, bailarinas e malandros. A capoeira, importante símbolo da resistência africana no Brasil, não poderia faltar. Bares, bebidas, boemia, festas, passaram a ser atividades da identidade do bairro e de sua principal avenida”, pontua Jaime.

- “Os bares faziam parte da ecologia boêmia. Bem próximo ao Mercado Municipal da Pedreira, na esquina da Travessa Angustura, se localizava o Shan-Grillah, uma das casas de shows do bairro e da cidade. Sua fama rendia comparações com outras casas de Belém, como o Palácio dos Bares, por exemplo. O samba, a música e a poesia faziam parte da atmosfera da Pedro Miranda, tanto que naturalmente foi criada a escola Império Pedreirense, o grande orgulho do bairro”.

Como o lixo criou uma das vias mais importantes de Belém

A avenida Alcindo Cacela iniciou a partir da criação da Usina Crematória de dejetos criada por Antônio Lemos. Daí em diante, ela ganhou outro nome e viu seu entorno crescer em direção ao centro da cidade

HISTÓRIA

Cintia Magno

Muito diferente do cenário visto hoje na avenida Alcindo Cacela, no período de mudanças promovidas pelo então intendente de Belém Antônio Lemos, que governou a cidade entre 1897 e 1910, a extensa avenida ainda atendia pelo nome de 22 de Junho. Na Belém do final do século XIX e início do século XX, a via ainda era considerada afastada do centro urbano de Belém e foi justamente ela a escolhida para receber, em 1901, a implantação da antiga Usina Crematória de Lixo de Belém, construção que está diretamente ligada ao surgimento do próprio bairro da Cremação.

Marcado pelas ideias de modernização, civilização e higienização da cidade, o governo de Lemos viu na questão do lixo e do mau odor provocado pelo seu despejo irregular pelas ruas de Belém um motivo para a construção de uma Usina de Cremação de Lixo em uma área mais afastada da cidade à época. No momento em que Antônio Lemos decide construir um forno em que fosse possível cremar todo o lixo da cidade e também os corpos de animais mortos, a



área onde hoje se vê a avenida Alcindo Cacela, era inabitada. Mas é a partir dali que se inicia uma nova expansão da cidade de Belém.

Professor da Universidade do Estado do Pará (Uepa), o historiador Diego Pereira Santos lembra que quando se considera essa dimensão em que a avenida Alcindo Cacela passa a ter um significado histórico mais significativo para o desenvolvimento da cidade, é o momento em que essa rua é inaugurada, ainda com outro nome. “Na verdade, essa rua foi inaugurada com o nome de

Rua 22 de Junho, que fazia referência à data de promulgação da Constituição do Estado do Pará no ano de 1891. E ela é inaugurada pelo Intendente Antônio Lemos, não a Alcindo Cacela, mas a Rua 22 de Junho”, explica.

“Essa rua tem um significado importante porque ela passa a interligar o bairro de Nazaré ao forno crematório. Então, essa dimensão alargada da cidade passa a se constituir. Enquanto essa Primeira Légua Patrimonial, é uma cidade que se expande tanto para o interior, especialmen-

te a partir do final do século XIX e início do século XX, e nesse sentido é ligada à intenção do Antônio Lemos”.

Neste cenário em que Belém vivencia um momento de expansão, em termos de organização espacial, aquela região da Rua 22 de Junho é uma área que começa a se tornar um pouco mais central. O professor lembra que ainda era uma área relativamente afastada do centro naquele contexto, mas que já estava vivenciando esse processo de expansão que posteriormente veio resultar na atual

configuração daquele trecho da capital paraense.

O atual nome da avenida que hoje recebe um fluxo intenso de veículos e que passa não apenas pelos bairros da Condor e Cremação, mas também por Nazaré e Umarizal, foi dado anos mais tarde e faz referência a um importante personagem. “O nome Alcindo Cacela tem a ver com um personagem muito importante da nossa história, que foi Prefeito de Belém em 1935, e o governo dele vai durar até 1939”, explica o historiador. “O Alcindo Comba do Amaral Cacela é um sujeito muito importante. Há um diálogo dele muito forte com o processo de arruamentos e de expansão da cidade não somente do centro de Belém, mas do seu entorno também, no caso do Mosqueiro”.

O professor relata, ainda, que é Alcindo Cacela quem também vai inaugurar o Laboratório de Farmacologia da Faculdade de Medicina, no ano de 1938. “Ele constituiu e montou todo o laboratório que, inclusive, tem o nome em homenagem a ele. E tem a ver com essa memória histórica da própria medicina no Estado do Pará. Ele também é uma figura interessante porque a sua imagem passou a uma dimensão também memorial, que está inclusive hoje presente no Museu de Arte de Belém, em uma tela que foi pintada por uma artista chamada Antonieta Santos Feio. Não à toa também foi um dos membros do Instituto Histórico e Geográfico do Pará”.

Foi quando a larga avenida já atendia pelo nome de Alcindo Cacela que o autônomo Raimundo Nonato Souza, 77 anos, teve a sua história ligada à rua. Há 37 anos ele tem a avenida como local de tra-



EM IMAGENS

1 **A via** é uma das mais movimentadas de Belém FOTO: MAURO ÂNGELO

2 **Diego Pereira Santos** FOTO: DIVULGAÇÃO

3 **Comércio é forte** na Via FOTO: MAURO ÂNGELO

4 **Uzina de Cremação**, na antiga avenida 22 de Junho.

FOTO: REPRODUÇÃO ÁLBUM DE BELÉM DE 1902

balho, já no bairro do Umarizal, quase chegando na avenida Pedro Miranda. Ele lembra que quando decidiu montar sua venda de bombons no local, a universidade particular que hoje se encontra no perímetro ainda atendia pelo nome de UNESpa, em meados da década de 80. “Nesse tempo as coisas mudaram muito, o movimento das pessoas já foi muito maior. Mas ainda é bom para trabalhar”.

Ainda que nas últimas décadas o cenário urbano de Belém já fosse parecido com o que se vê hoje, algumas mudanças ainda foram acompanhadas por quem, assim

como Raimundo Nonato, convive diariamente com a avenida Alcindo Cacela. O também autônomo Gil Negrão trabalha na via há 26 anos e lembra das mudanças sofridas no trânsito nos últimos anos. “Antes essa avenida era duas mãos, depois que passou a ser uma mão só. Esse trânsito já mudou umas duas vezes. Por último, agora, só é permitido estacionar de um lado da pista”, recorda. “Quando eu comecei a trabalhar aqui ainda era a UNESpa e algumas ruas aqui do entorno não eram nem asfaltadas ainda, só da Alcindo Cacela pra frente. Então, mudou muito”.

PARA ENTENDER

AUSINA DE CREMAÇÃO

● Mandado fazer em Paris pela então Intendência Municipal, o Álbum de Belém de 1902, que faz parte do Acervo Digitalizado de Obras Raras da Biblioteca Pública Arthur Vianna, registra parte da história da Usina de Cremação de Belém.

● A publicação descreve a construção como ‘um grande forno com várias bocas dispostas de modo a nelas se justaporem os veículos que transportam o lixo da cidade. Além disso, a máquina crematória incinera por modernos processos os animais mortos que se lhe às fornalhas, o que constitui para a higiene pública uma sólida garantia’.

● O livro destaca, ainda, que à época a usina estava ‘situada a curta distância da cidade, em um trecho pouco edificado, permitindo a facilidade dos transportes de lixo e animais mortos, cuja incineração ali se faz de modo mais prático e pelos processos regulados pela moderna higiene’ e que a estrutura era ‘imprescindível numa capital populosa com tendência a diariamente crescer’.

REGISTROS

● O Álbum de Belém de 1902 mantém um dos raros registros dos primeiros anos de funcionamento da Usina de Cremação de Belém, feito pelo fotógrafo Felipe Augusto Fidanza. Na foto é possível ver a parte administrativa da usina, preservada até hoje, e ao fundo a chaminé do forno crematório.

● Em um postal registrado pelo álbum ‘Belém da Saudade’, é possível ver a Rua 22 de Junho (hoje Avenida Alcindo Cacela) sob a perspectiva tomada no cruzamento com a Avenida Gentil Bittencourt, em direção ao bairro da Cremação. Hoje a asfaltada Alcindo Cacela recebe um grande fluxo de veículos e é repleta de prédios, casas e comércios.

Sabe a rua onde fica a Santa Casa? Ela tem muita história para contar

Durante o processo de urbanização do bairro do Umarizal, a criação do hospital, o mais importante da capital por muitos anos, tem relação direta com o crescimento da Oliveira Belo. Saiba mais

FATO HISTÓRICO

Cintia Magno

Até o início do século XX, o que hoje se conhece como o bairro do Umarizal era uma área marcada por um ambiente rural, onde havia, inclusive, trechos associados às antigas vacarias que se encontravam na configuração de Belém à época. Este cenário começa a se modificar ao longo do século XX e esse processo de urbanização tem uma relação direta com a criação de um importante hospital que foi instalado na via que hoje recebe o nome de Rua Oliveira Belo.

O historiador e professor da Universidade do Estado do Pará (Uepa), Diego Pereira Santos, explica que a Rua Oliveira Belo está localizada em uma região da cidade que, tempos atrás, congregava uma parte significativamente mais popular da cidade, pelo menos até 1930 a 1940.

O professor lembra que, naquela época, o Umarizal era um bairro muito ligado à boemia e, segundo relatam muitos historiadores, marca-



A Santa Casa de Misericórdia é a principal referência da rua Oliveira Belo FOTOS: IRENE ALMEIDA

do por um grande trânsito de pessoas negras. No livro ‘O negro na formação da sociedade paraense’, por exemplo, o historiador e folclorista Vicente Salles aponta que, naquela época, o Umarizal “era um bairro habitado quase exclusivamente pelos negros”.

A partir do século XX, porém, ocorre nesta região um processo de expansão da cidade que tem um marco importante na Rua Oliveira Belo. “A rua Oliveira Belo é interessante porque ela co-

meça exatamente numa área que, historicamente, até o início do século XX, era associada às chamadas áreas de vacaria, próximas de onde hoje eu tenho a parte de trás da Unama Alcindo Cacela. Então, é uma área muito relacionada a esse ambiente rural. E aí, ao longo do século XX, essa área vai tendo uma urbanização e isso tem uma relação direta com a criação do Hospital da Santa Casa”, explica Diego Pereira. “Então, a ideia da rua neste con-

texto da expansão da cidade se dá já no início do Século XX e, sem dúvida nenhuma, um grande marcador é a Santa Casa de Misericórdia, quando é criado o hospital”.

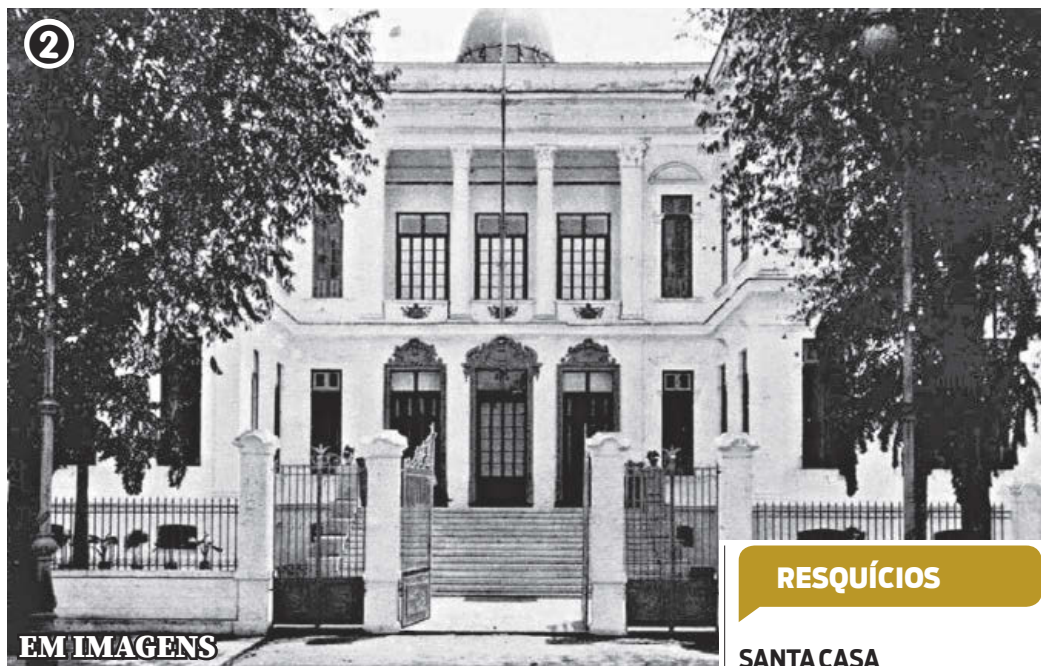
FUNDAÇÃO

O historiador esclarece que, na verdade, a Santa Casa foi fundada ainda no século XVII, em 1650, funcionando até 1890 como uma irmandade formada por um corpo de leigos associados. Depois, já durante o governo de Justo

Chermont, ela passa a ser uma associação civil de caridade. “E em 1990 você tem a criação da Fundação Santa Casa de Misericórdia. Mas o hospital foi inaugurado em 1900 na Rua Oliveira Belo. Inclusive, ainda hoje pode-se perceber uma construção com essa característica hospitalar nessa região”, relata o professor. “Então, dado esse crescimento da cidade, e também esse perfil relacionado ao hospital, se passa a ter um desenvolvimento maior desta região”.

O atual nome da rua que recebeu a primeira construção do hospital e que se tornou uma importante via do bairro do Umarizal presta uma homenagem à José Mariano de Oliveira Belo, uma personalidade que teve uma relação direta com o movimento independentista no que hoje é o Estado do Pará. “O Pará, no seu processo de desenvolvimento desse ideal independentista, não teve apenas esse. Havia, inclusive esse foi o primeiro grande ideal, a ideia de uma ligação que Belém teria direta com Lisboa, aderindo ao cenário do que a gente chama de Revolução Liberal do Porto. E havia aqui, em 1823, alguns independentistas, como é o caso do José Mariano de Oliveira Belo”, explica o historiador. “Em 1823, ele vai participar de uma revolta chamada de Revolta de 14 de abril de 1823 e, inclusive, vai ser condenado à morte. Ele só não foi morto por interferência do Dom Romualdo, por uma ligação que havia entre eles, e aí ele não é condenado totalmente, vai receber só uma pena de exílio temporário”.

Diego Pereira Santos considera que a manutenção de Oliveira Belo e de outros independentistas como nomes de algumas ruas de Belém remetem a um princípio



EM IMAGENS

1 A rua no início do século XX, em frente à Santa Casa FOTO: BELÉM ANTIGA

2 Acesso principal da Santa Casa em 1900, na rua Oliveira Belo

FOTO: REPRODUÇÃO/ARTIGO 'SANTA CASA DE MISERICÓRDIA E AS POLÍTICAS HIGIENISTAS EM BELÉM DO PARÁ NO FINAL DO SÉCULO XIX

importante, o de liberdade. “Uma questão interessante é pensar porque que dentro de um de um cenário republicano como nós temos hoje, ele é uma figura que valeria a pena ser homenageada. A questão, aqui, está relacionada à ideia desse sentido de liberdade que a República vai

explorar. Então, era interessante manter essa nomeação das ruas, como foi o caso de Oliveira Belo, relacionado a indivíduos que gritaram por essa liberdade, que lutaram por essa liberdade relacionado à ideia de independência da província diante do estado português”.

RESQUÍCIOS

SANTA CASA

- Grande marco do processo de expansão da cidade proporcionado pela Rua Oliveira Belo, o hospital da Santa Casa, quando inaugurado em 1900, tinha sua entrada principal voltada para a Oliveira Belo. Hoje, com as transformações sofridas pelo prédio, quase não é possível reconhecer o acesso, mas os portões (um central e dois menores, em cada uma das laterais) ficaram como resquícios de como era aquela parte da construção inicialmente.

Todos os caminhos do bairro da Marambaia passam por ali

A avenida Tavares Bastos já foi uma via com acesso apenas pela Estrada de Ferro de Bragança. Com o passar dos anos, ganhou importância com a maior urbanização da cidade de Belém a partir da década de 1970

HISTÓRIA

Cintia Magno

Ainda no final do século XIX e início do século XX, a única maneira de se chegar à área onde hoje está localizada a avenida Tavares Bastos, no bairro da Marambaia, em Belém, era através da famosa Estrada de Ferro de Bragança. Daquela época até os dias atuais, a importante via passou por um intenso processo de transformação que envolveu não apenas mudanças urbanas e estruturais, mas também o recebimento do atual nome que presta uma homenagem ao bacharel em direito Aureliano Cândido Tavares Bastos.

Quem hoje vê a avenida tomada por um fluxo intenso de veículos e marcada pela presença de muitos comércios pode não imaginar, mas a Tavares Bastos já foi um caminho pouco habitado. O professor da Universidade do Estado do Pará (Uepa) Campus Belém, doutor em História da América e da África na Universitat de Barcelona e membro do grupo de estudo e pesquisa sobre escravidão e Abolicionismo na Amazonia (GEPEAM), Diego Pereira Santos, aponta que a avenida que tem uma história bastante revela-



Via da Marambaia é conhecida pela intensa circulação de veículos e comércio FOTOS: CELSO RODRIGUES

dora das mudanças e das transformações sociais que a cidade passou ao longo dos anos.

“Para você chegar a essa área só havia uma possibilidade, especialmente no final do século XIX e início do século XX, que era através da Estrada de Ferro de Bragança. Então, não havia um caminho alternativo”, explica. “Naquela época, essa área não tinha ainda esse nome, na verdade ela já vai ter esse nome nas primeiras décadas do século XX, e a chamada Tavares Bastos de forma interessantíssima vai se associar à própria história daquela região da Marambaia”.



Geraldo mora há 43 anos na Marambaia e acompanhou as mudanças da avenida em décadas

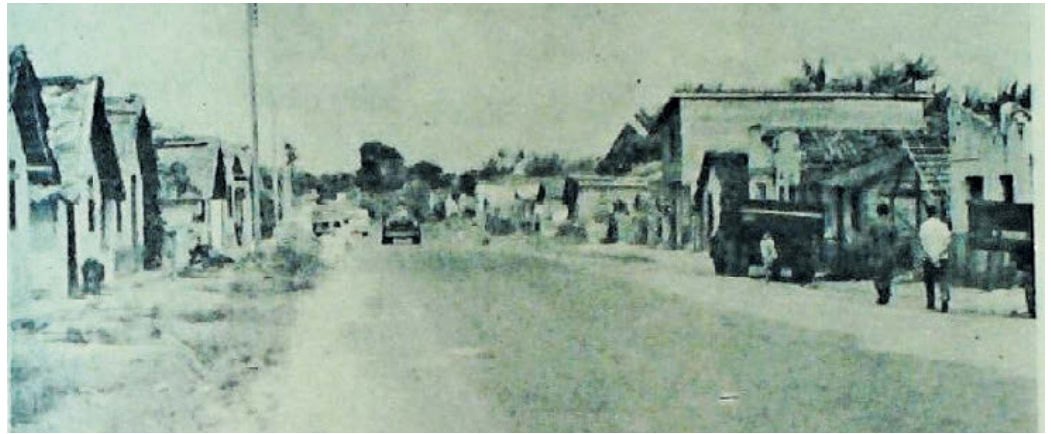
O historiador lembra, inclusive, que alguns relatos apontam que até a segunda metade do século XX aquela era uma área bastante desocupada, com várias matas que davam sentido àquela região da cidade. Portanto, era uma região que se deslocava dentro de uma lógica muito própria na cidade de Belém. “Então, só se pode falar nessa ideia de um desenvolvimento, pelo menos nessa urbanização como nós pensamos hoje, já a partir da década de 70 e 80. E quando você vai pensar uma ideia de um arruamento e um aumento da população dentro daquele bairro

ro, do bairro da Marambaia e, em particular, na sua principal rua que, sem dúvida nenhuma, é a Tavares Bastos”.

Ainda em meados de 1980, os relatos registrados nas páginas do DIÁRIO remontam a um período em que a população do entorno da avenida Tavares Bastos ainda demandava por obras de saneamento e pavimentação. Na edição do dia 13 de julho de 1984, a reportagem do DIÁRIO relatava a situação de ruas do conjunto Médice, que na época tinha uma população estimada em 15 mil pessoas, como marcadas por ‘imensas valas e crateras’. Ainda segundo a reportagem, na época, asfalto ‘só na avenida Tavares Bastos’.

Em outro registro do final da década de 80 do século XX, o jornal abordou outro trecho da Tavares Bastos, o que recebeu a instalação do conhecido Conjunto do Basa. Na edição do dia 17 de outubro de 1989, a matéria publicada no DIÁRIO registrava um protesto dos moradores do conjunto contra o trânsito de veículos pelo trecho da avenida Tavares Bastos onde o conjunto está localizado. Na época, a matéria relatou que os moradores chegaram a interditar a entrada do conjunto. Anos mais tarde, em 2009, o trecho da avenida voltou a ser notícia quando uma ação da Prefeitura de Belém estendeu o percurso da Tavares Bastos até a avenida João Paulo II, determinando, portanto, a abertura do Conjunto do Basa que havia sido fechado pelos próprios moradores anos antes.

Trabalhando na Tavares Bastos há 15 anos, o autônomo Alex Oliveira, de 47 anos, lembra bem da época em que o trecho do conjunto foi liberado para o trânsito de veículos. Desde então, ele con-



Avenida Tavares Bastos antiga, em registro de Antônio Rocha

Penteado FOTO: REPRODUÇÃO LIVRO BELÉM – ESTUDO DE GEOGRAFIA URBANA, VOLUME II



ta que o movimento aumentou muito na via. “A rua continua a mesma coisa de 15 anos atrás, o que mudou foi que hoje tem muito mais comércio do que casas e o estacionamento que não tem mais por causa da ciclofaixa”, conta. “Ela sempre foi movimentada de carro, mas ficou ainda mais quando abriram o conjunto pro pessoal seguir até a avenida João Paulo. Eu tenho bem essa memória porque o pessoal fez protesto e tudo, mas era necessário. Melhorou bastante depois disso”.

Já o aposentado Geraldo Silva, 67, guarda memórias do trecho da avenida que fica no Conjunto Médice. Ele se mudou para a Tavares Bastos há três anos, mas mora no bairro da Marambaia há 43 anos e lembra das transformações

vivenciadas pela via com a passagem do tempo. “Evoluiu muito nesses 40 anos, com certeza. Mas sempre foi muito movimentado e com muito comércio. Aqui tem feira, lojas, restaurantes. Não é preciso sair daqui pra comprar nada”.

HOMENAGEADO

Desde as primeiras décadas do século XX até os dias de hoje, a importante via do bairro da Marambaia presta homenagem ao alagoano e bacharel em direito Aureliano Cândido Tavares Bastos. O historiador e professor da Uepa, Diego Pereira Santos, explica que Tavares Bastos viveu entre 1839 e 1875, sendo um personagem interessantíssimo do ponto de vista da política. “Em particular, eu destacaria o diálogo que ele vai ter com a região ama-

zônica. Desde a década de 60 ele faz algumas viagens à Amazônia, tanto que ele vai redigir um livro sobre a Amazônia, já em 1866, chamado ‘O Vale do Amazonas’”, conta o professor. “É uma obra muito importante porque vai analisar a questão da navegação - ele era um defensor da navegação do Rio Amazonas, o comércio também com as nações estrangeiras, o estabelecimento de entrepostos fiscais”.

Em particular, Diego destaca a originalidade da obra de Tavares Bastos, sobretudo ao pensar nas condições de vida dos povos ribeirinhos e da população negra. “Ele é um dos primeiros trabalhos, ainda na década de 60, que apesar de considerar essa presença negra uma presença parca, uma pequena presença, mas que aparece como uma presença existente na Amazônia. Então, é uma figura que, por tudo isso, acabou sendo homenageada na Avenida Tavares Bastos”.

Outro aspecto interessante sobre Tavares Bastos que é destacado pelo professor é a tendência liberal que a personalidade detinha, apesar de ele não se afinar completamente ao liberalismo. Mas, é possível que essa característica tenha contribuído para que a homenagem ao seu nome tenha sido mantida mesmo após a instauração da República.

Um retrato vívido do processo de formação da cidade

A avenida Marechal Hermes está instalada no espaço por onde belém surgiu e se expandiu e ainda guarda resquícios desse processo histórico de ocupação, principalmente durante a Belle Epoque

HISTÓRIA

Cintia Magno

Instalada no cenário da cidade de Belém a partir das obras de aterramento para a construção do Cais do Porto de Belém, a avenida que hoje atende pelo nome de Marechal Hermes está diretamente relacionada ao crescimento da capital paraense a partir da sua fundação. É na avenida que vai ser instalado o Porto de Belém, que no início do século 20 teve uma participação fundamental nas relações comerciais advindas da exploração da borracha.

Por guardar toda essa memória, o professor da Universidade do Estado do Pará (Uepa) Campus Belém, doutor em História da América e da África na Universitat de Barcelona e membro do grupo de estudo e pesquisa sobre escravidão e Abolicionismo na Amazônia (GEPEAM), Diego Pereira Santos, considera que a região na qual se tem, hoje, a Avenida Marechal Hermes é uma região histórica na cidade de Belém. “Ela tem relação, inclusive, com processo de formação da cidade, mas esse prolongamento que nós chamamos hoje de Avenida Marechal Hermes é bem mais contemporâneo”, explica. “A



EM IMAGENS

- 1 a 3 A Marechal Hermes corta parte do centro de Belém FOTOS: IRENE ALMEIDA
4 A avenida no início do século passado FOTO: REPRODUÇÃO ÁLBUM BELÉM DA SAUDADE

Marechal Hermes vai estar relacionada diretamente com a criação do Porto de Belém, já entre a primeira e a segunda década do século 20, quando a gente vai perceber esse crescimento ligado a esse prolongamento. Na verdade, a avenida Boulevard Castilho França, que acaba sendo um prolongamento da Marechal Hermes após o cruzamento com a avenida Presidente Vargas, já existe desde o momento da formação, inclusive vai ser a considerada essa rua que vai

dar origem à ideia do mercado como nós conhecemos hoje, o Mercado Público do Ver-o-Peso, que vai ser inaugurado já no início do século XX”.

Ligada a essa dinâmica de crescimento da cidade a partir de 1920 e 1930, a avenida Marechal Hermes exerceu papel importante no processo de estruturação de Belém. E ainda hoje guarda relação com a sua origem, na medida em que abriga o Terminal Hidroviário de Belém, de onde passageiros chegam e partem

diariamente por via fluvial. “É uma rua que se prolonga ao longo dessa nossa organização portuária, com o Porto de Belém se consolidando e, não à toa, a gente tem aqui na Marechal Hermes, hoje, o terminal hidroviário. Então, ela tem essa relação direta com o porto de Belém e depois, já na década de 90 para os anos 2000, com a ideia do Complexo do Ver-o-Rio. São elementos que têm a ver já com uma dinâmica mais contemporânea”.

Seguindo caminho pela Marechal Hermes a partir do cruzamento com a avenida Presidente Vargas, chega-se ao que hoje a população de Belém conhece como Ver-o-Rio. O complexo turístico recebe visitantes interessados em contemplar a vista da Baía do Guajará e o Museu de Arte Urbana de Belém guarda, também, um resquício de um uso diferente dado ao local no passado: a rampa que fora utilizada no século 20 quando o local ainda abrigava um antigo hidroporto de Belém, onde poustavam hidroaviões.

Ainda que a memória de hidroporto nem passe pela cabeça da família da analista comercial Marluce Melo, 37 anos, é na rampa presente no Ver-o-Rio até hoje que ela, o esposo Ângelo Melo, 50 anos, e a filha Ayla, de um ano e três meses, constroem novas memórias. “O meu esposo trabalha em Portugal e há quatro meses ele não via a nossa filha, então, hoje a gente decidiu vir aqui no Ver-o-Rio para aproveitar um pouco com ela”, contou. “É um local que a gente gosta de trazer ela porque tem esse contato com a natureza e é muito bonito”.



PARA ENTENDER

REGISTRO

● Um registro do Álbum “Belém da Saudade” mostra a avenida Marechal Hermes ainda no século passado. De acordo com a publicação, o postal mostra uma “visão panorâmica da Avenida Marechal Hermes, surgida a partir das obras de aterramento para a construção do Cais do Porto. Anteriormente, as águas da Baía do Guajará chegavam às proximidades do Convento de Santo Antônio”.



Nome homenageia militar que presidiu a República do Brasil

Ainda que a avenida que recebeu o Porto de Belém tenha tido um papel fundamental no crescimento da capital paraense desde muito cedo, o atual nome da avenida veio tempos depois. O historiador e professor da Uepa Campus Belém, Diego Pereira Santos, explica que a Marechal Hermes homenageia um homem do final do século XIX e que foi um político e militar brasileiro respeitado pela sua posição e que foi lembrado como alguém que merecia ter uma memória resgatada e mantida até os dias de hoje. “O nome em si, Marechal Hermes, está ligado a um militar que também foi político e que chegou a ocupar a Presidência da República. O Marechal Hermes da Fonseca foi o oitavo presidente da República Federativa do Brasil e foi uma figura muito interessante na consolidação do Governo Republicano”, conta o professor. “Eu não canso de falar o quanto essa memória republicana salvaguarda indivíduos que tiveram uma ligação direta com o governo, como é o caso do Marechal Hermes, ou que de alguma maneira representaram esses ideais. O Marechal Hermes foi Presidente da República e teve uma ação direta no sentido da consolidação, inclusive, das oligarquias no Brasil”.

De Rua do Passinho para a Campos Sales

A travessa Campos Sales mantém uma grande importância histórica para Belém. Confira como se deu o processo de criação e desenvolvimento desta via

CIDADE

Cintia Magno

Ainda durante o período colonial, passado o início do processo de ocupação urbana de Belém em torno do Forte do Presépio, o desenrolar das décadas no século 17 foi marcado pelo surgimento de uma nova área de ocupação no sítio urbano de Belém, a região que ficou conhecida como Campina. É justamente nela que a capital paraense viu surgir uma rua que ainda hoje mantém uma grande importância histórica, a travessa Campos Sales.

Nas primeiras décadas após a fundação de Belém, em 1616, o raio de ocupação urbana na cidade se concentrou em torno do Forte do Presépio, a partir de onde vão surgir as primeiras ruas do que viria a se tornar a capital paraense. No segundo momento, uma nova ocupação começa a surgir, dando origem ao que se conhece hoje como Campina. Neste momento, portanto, o doutor em história social e professor da Universidade do Estado do Pará (Uepa), Amilson Pinheiro, explica que Belém mantinha duas grandes concentrações urbanas, uma era chamada de Cidade, onde hoje é a Cidade Velha, e do outro lado do Igarapé do Piri, a área chamada de Campina.



EM IMAGENS

1 e 2 Travessa Campos Sales FOTOS: IRENE ALMEIDA E ANTONIO MELO 3 Abílio Mourão FOTO: IRENE ALMEIDA



“A Cidade, hoje Cidade Velha, vai concentrar o núcleo militar, o núcleo religioso e urbano. Mas com a chegada das ordens religiosas no Pará, começa a haver também uma necessidade de ocupar outros sítios, outros lugares, até porque nesse núcleo inicial da cidade já havia a presença dos Jesuítas, no que hoje a gente conhece como a Igreja de Santo Alexandre”, contextualiza.

“Então, com a chegada de outras ordens religiosas vão se ocupando outros espaços de Belém, principalmente na região da praia, onde vai ser o início da Campina. Vai se criar o Convento dos Mercedários e, mais a frente, o Convento dos Capuchinhos, que é a Igreja de San-

to Antônio. Então, no entorno desses conventos e igrejas vai começar a surgir uma primeira via, que é a Via dos Mercadores, e que vai dar origem à Campina”.

A partir da Campina e dessa grande via que vai surgir com essas igrejas, vão surgindo também as travessas. Segundo o professor, é nesse sentido que já a partir dos séculos 17 e 18 já se consegue identificar que foram surgindo novas ruas e uma dessas ruas que vão aparecer no entorno da região da Campina vai ser a Campos Sales, mas que no contexto colonial ainda não tinha esse nome.

“Ela era uma rua chamada de Rua do Passinho, chamada assim por conta da constru-

ção de um prédio no perímetro que hoje é entre a travessa 3 de Maio e a Senador Manoel Barata. Foi construído nesse perímetro, um importante conjunto de edifício residencial e, ao lado, uma capela particular, que foi feita por uma família muito importante do final do século 18”.

Integrava essa família um português chamado Ambrósio Henriques, que chegou ao Pará na segunda metade do século 18 e se tornou um importante comerciante. É ele quem irá construir, no que hoje é a travessa Campos Sales, a sua residência e, ao lado, uma capela que vai ficar conhecida a partir do século 18 e início do século 19 como Capela Pombo. “Era, na verda-

de, uma capela em alusão ao Nosso Senhor dos Passos, mas que ficou conhecida como Capela Pombo porque era de propriedade privada da Família Pombo. Ela passa a ser uma importante capela nesse cenário colonial do século 18 e do século 19”.

Amilson Pinheiro esclarece que até hoje há uma série de discussões que consideram que a capela possui traços do grande arquiteto italiano que esteve no Grão-Pará, Antônio Landi, porém, o professor reforça que essa informação não é muito fechada.

“Não há um estudo preciso, mas a maior parte dos autores como Leandro Tocantins, Augusto Meira Filho, entre outros, apontam que essa capela ela teria sido construída por volta de 1790. E a partir do final do século 18 e início do século 19, ela passa a fazer parte desse cenário religioso, principalmente na Semana Santa. Então, como ela foi construída em homenagem a Nosso Senhor dos Passos, essa rua vai passar a ser conhecida popularmente como Rua do Passinho”.

Ainda neste contexto, quando ocorre o aterramento do Igarapé do Piri, por volta do início do século 19, a região da Campina passa a vivenciar um crescimento urbano ainda maior. Diferente de hoje, naquela época a travessa Campos Sales ainda detinha uma característica principalmente residencial.

“Se a gente for observar essa história da rua, a gente vai perceber que nos séculos 18 e 19 ela esteve mais ligada a uma função residencial e também, em uma escala menor, religiosa, marcada pela Capela Pombo e por outras igrejas que a circundavam, como a Igreja de Sant’Ana, a Igreja do Rosário dos Homens Pretos e a Igreja das Mercês. Então, ali nos séculos 18 e 19 ela está muito ligada a um uso mais residencial e religioso, tanto é que a homenagem ao nome da rua se dá através de uma capela particular, a Capela Pombo que estava anexa a uma residência. O uso comercial vai se intensificar a partir do século 20”.

TRABALHO

Quando o comerciante Abílio Mourão, 71 anos, passou a ter a travessa Campos Sales como endereço de trabalho, a

vocação da via já era o comércio. Na ótica instalada ao lado da Capela Pombo e de frente para o Arquivo Público do Estado do Pará, ele lembra que a rua passou por transformações ao longo dos 26 anos de atividade no local.

“O que mais mudou foi o movimento, que antes era bem maior. Eu comecei trabalhando com peças para relógios e depois tive que migrar para a ótica porque a procura pelos consertos de relógio já não era como antes. Mas como eu tenho clientes fixos, vai dando pra compensar”, conta, ao falar que outro aspecto também impactou o movimento no trecho em que trabalha. “Quando a Capela dos Passos ainda era aberta, também vinha muita gente aqui rezar. Ficava uma caixa com umas velas e as pessoas depositavam uma moeda e pegavam as velas para acender aqui mesmo. Mas depois que a capela fechou, acabou esse movimento também”.



CAMPOS SALES

Inicialmente chamada de Rua do Passinho, a travessa teve seu nome modificado para Campos Sales em homenagem a um ex-presidente da República do Brasil. O historiador Amilson Pinheiro explica que na virada do século 19 para o século 20, o Brasil passou por uma mudança de regime político, saindo a Monarquia e entrando a República, a partir de 1889. E como essa República chega a partir de um projeto civilizatório e modernizador de nação, muitas cidades brasileiras passaram por uma série de reformas urbanas e Belém foi uma delas. “É quando há melhorias sanitárias, calçamento de vias, embelezamento das cidades. Tanto é que a gente chama esse período do final do século 19 e início do século 20, que é o período em que a República está sendo consolidada, de Belle Époque”.

O professor explica que, neste período, Belém passou por esse embelezamento, por uma preocupação pela criação de um código de postura para se viver na cidade e as ruas vão passar por melhorias. “Nesse sentido, a República brasileira vai começar a ter um impacto muito grande na vida das pessoas e em 1898 assume a Presidência da República o Manoel Ferraz de Campos Sales”, aponta. “Era um advogado, fazendeiro de café de São Paulo e político que assume a Presidência da República em 1898 e fica na função até 1902”. A administração de Campos Sales foi marcada por uma austeridade administrativa e financeira muito grande. “Ele pega a República recentemente inaugurada no Brasil com uma crise fiscal, inflação alta, dívidas e ele vai colocar como prioridade do seu mandato, da sua gestão, essa questão da austeridade nas contas públicas: o pagamento de dívida externa, diminuição da inflação e vai fazer uma série de concessões à iniciativa privada, vai fazer empréstimos para o pagamento dessas dívidas, mas dando como garantia uma série de serviços públicos, tanto é que o Campos Sales tem uma característica bem liberal”.

Campos Sales acaba dando uma contribuição grande para a estabilidade do Governo na época. “Como em Belém, no final do século 19 e início do século 20, havia como Intendente Municipal o Antônio Lemos, que era ligado a essa ideologia republicana, depois do falecimento de Campos Sales alguns anos depois do fim do seu mandato vão oficializar a mudança do nome da travessa, que deixa de ser conhecida como Rua do Passinho e passa a ser conhecida como travessa Campos Sales, em homenagem a esse Republicano que ocupou a Presidência da República”.

Resistência e abastecimento fazem parte da história da Estrada da Ceasa

Conheça a história desta via de Belém que era um território de resistência durante o processo de colonização do país e que hoje é ponto de ligação para a Central de Abastecimento

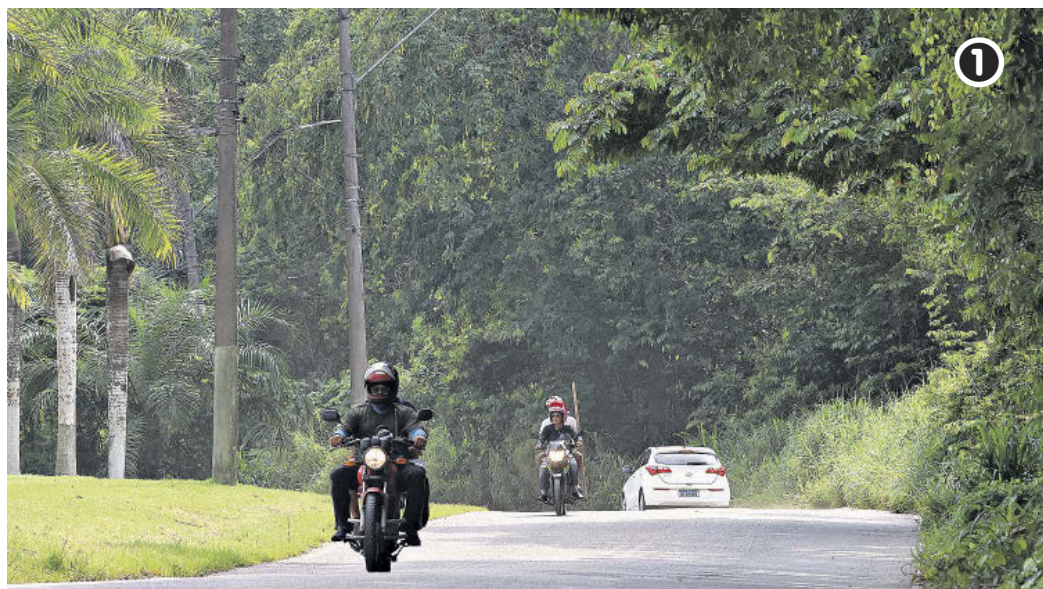
CIDADE

Cintia Magno

A chegada dos portugueses à Amazônia, ainda no século 17, resultou na ocupação do território com fins de exploração colonial e de defesa da região que já despertava interesse de outros países que ameaçavam o domínio português.

Naturalmente, este processo de ocupação enfrentou resistência por parte dos povos indígenas que já viviam no que hoje conhecemos como Belém, resistência essa que deu origem à formação de territórios que até hoje estão presentes na cidade, como é o caso da área acessada a partir da popularmente conhecida Estrada da Ceasa.

O doutor em história social e professor da Universidade do Estado do Pará (Uepa), Amilson Pinheiro, explica que durante este processo de colonização do século 17, a principal mão de obra usada pelos portugueses era a escrava e indígena, que buscou se afastar do ponto de maior concentração dessa ocupação da cidade como



EM IMAGENS

1 Estrada da Ceasa FOTO: IRENE ALMEIDA 2 Central de Abastecimento FOTO: IRENE ALMEIDA 3 Engenho do Murutucu FOTO: REPRODUÇÃO 4 Milena Lima FOTO: IRENE ALMEIDA

uma forma de se proteger contra tal exploração.

“Nesse processo de ocupação desse núcleo de Belém e áreas próximas, muitos indígenas vão tentar resistir, fugir dessa exploração de sua mão de obra e da escravização e vão se afastar desse núcleo inicial e ocupar outras áreas. É nesse sentido que nasce essa região onde hoje é o Rio Guamá e que ficou conhecido no início do século 17 como um território Murutucu. Essa

região que nasceu dessa questão de ser um lugar de refúgio e resistência indígena a essa colonização portuguesa”.

Refugiados na região que até então era muito afastada do núcleo inicial de formação da cidade, as populações indígenas ainda tiveram que vivenciar a chegada ao território das chamadas missões religiosas que, durante o processo de colonização, vinham com o objetivo de promover a evangelização e a catequização.

“No início do século 18, exatamente em 1711, a Missão Religiosa dos Frades Carmelitas chega a essa região que era ocupada já por esses indígenas que resistiram. Essa missão religiosa dos Carmelitas vai construir uma capela, a Capela de Nossa Senhora da Conceição nessa região. É essa capela que é a origem das atuais ruínas do Engenho do Murutucu que a gente ainda consegue ver hoje”.

Em outro momento, aproxi-

madamente a partir de 1776, outro fato importante envolve a história da área do Murutucu, a chegada do arquiteto italiano Antônio Landi, que teve uma importância muito grande no processo de urbanização de Belém.

“Nessa época da segunda metade do século 18 ele vai chegar nessa região e vai estabelecer uma relação de proximidade, ele gosta dessa região e faz uma série de reformas nessa construção arquitetônica que havia lá. E ele vai fazer, inclusive, a reforma da capela, dando características muito particulares ao estilo arquitetônico e artístico que ele imprimia nas suas obras, como elementos neoclássicos”, explica Amilson Pinheiro.

“Então, com o uso da mão de obra indígena escravizada, Antônio Landi faz uma reforma dessa capela e passa, inclusive, a morar nesse Engenho do Murutucu, tanto é que há vestígios, e o Augusto Meira Filho fala sobre isso no seu livro, de que é lá no Engenho do Murutucu que Landi vai viver e inclusive vai morrer, já no final do século 18”.

Neste contexto, como havia a ocupação, primeiro, desse refúgio indígena e, depois, da missão religiosa dos Carmelitas e da transformação desse engenho e a reforma da capela pelo Landi, surge um ramal chamado de ramal do Murutucu.

“É esse ramal terrestre que vai dar origem à atual Rodovia Murutucu ou popularmente conhecida como Estrada da Ceasa. Então, a comunicação do engenho com a capital da província, principalmente na segunda metade do século 18, era realizada através do Rio Guamá e também por esse ramal”, explica. “Esse engenho e esse ramal levaram a uma ativida-



de ali naquela região, por isso que se construiu o porto que a gente chama de Porto da Foz do Igarapé do Murutucu”.

CABANAGEM

O historiador Amilson Pinheiro explica, ainda, que outro momento histórico marca o processo de ocupação da área do Engenho do Murutucu, a Cabanagem. O professor explica que após a morte de Antônio Landi, ocorre um certo abandono do território do Engenho Murutucu, que só reaparece com uma grande importância para a história a partir de 1835, quando ocorre a Cabanagem.

“Quando começa a revolução Cabana, a Cabanagem, de uma certa maneira o Murutucu renasce como um território de resistência popular. A

gente tem documentos e registros que falam de um lugar de resistência e que foi um núcleo de ocupação de forças revolucionárias indígenas, negras, tapuias, caboclas e ribeirinhas, que através de canoas e batelões se deslocavam do conflito de Belém até o acampamento desse território Murutucu”, relata.

“Então, o ataque a Belém se dava pelo Rio Guamá. Havia esse ‘quartel-general’ das forças revolucionárias da Cabanagem que foi o Engenho Murutucu e eles se deslocavam de lá para realizar ataques em Belém. Então, ele vai ter uma importância muito grande como um lugar de apoio e de articulação dessas forças revolucionárias cabanas ao longo do século 19”.

ESTRUTURAS

Seguindo a história do território, o Murutucu se destaca novamente quando são implantadas as estruturas que até hoje estão no local, como a área da hoje Embrapa e da Ceasa. “Esse território Murutucu vai aparecer novamente nos registros históricos já no século 20, a partir de 1940, quando aquela região vai ser ocupada e comprada pela estrutura do estado federal, na época era o Estado Novo, e vai ser criado um Instituto Agrônomico Nacional. Vai ser um órgão federal ali no território e que a partir de então, principalmente a partir das décadas de 40, 50 e 60, vai começar a haver uma ocupação maior daquela região”, contextualiza.

“O grande marco para a Estrada da Ceasa e para que ela acabasse se conectando do ponto de vista urbano com Belém vai ser, de fato, a partir de 1975 quando o Governo Federal realiza uma concessão de terras para a construção da Central de Abastecimento, que a gente conhece popularmente como Ceasa, incluindo área do porto de desembarque, porto da Ceasa e que vai ocupar aquela região e transformar em uma região de abastecimento”.

É exatamente este o contexto conhecido pela comerciante Milena Lima, 46 anos, nascida e criada na via que hoje é conhecida como Estrada da Ceasa. “Na minha infância a maior parte da rua ainda era só floresta, depois tinha a área da Embrapa. Ainda não tinha o condomínio que tem agora. Melhorou muito aqui”, recorda. “Aqui é uma área de Belém que parece interior, um local que não tem muita baderna, é tranquilo, bom de morar”.



4

Do fluxo do igarapé passando para o dos veículos

Nascida a partir das águas do Murutucu, a travessa 14 de Março se expandiu para além do centro de Belém, se tornando uma das vias mais movimentadas da cidade, da Basílica até o Pronto Socorro Municipal

HISTÓRIA

Cintia Magno

A travessa onde, atualmente, transita uma enorme quantidade de carros diariamente já deu lugar a uma ramificação do Igarapé Murutucu, o rio onde a imagem original de Nossa Senhora de Nazaré foi encontrada pelo agricultor e caçador Plácido José de Souza. Ainda em meados de 1700, o cenário avistado no entorno do que hoje é Complexo Arquitetônico de Nazaré era marcado por uma área de fazendas e o igarapé ali presente seguia o seu curso em meio à mata e dobrava na hoje travessa 14 de Março, uma das principais travessas do centro da cidade e que ajuda a contar parte da história de Belém.

Os relatos históricos dão conta que na época do achado da Imagem de Nossa Senhora de Nazaré, o famoso Igarapé Murutucu seguia pelo que hoje se conhece como avenida Magalhães Barata e, em meio à mata, fazia uma curva na atual travessa 14 de Março. Neste sentido, ainda que não se conheça o ponto exato onde a imagem original teria sido encontrada por Plácido, acredita-se que o achado tenha se dado no entorno de



1 e 2 A travessa tem o trânsito cada vez mais intenso 3 Canal ainda é lembrança do Igarapé 4 As vizinhas Otacinéia da Costa e Neuza Fernandes FOTOS: IRENE ALMEIDA

onde hoje se vê a lanchonete Mc Donald's de um lado e os fundos da Basílica Santuário de Nazaré de outro, nesta curva da avenida Magalhães Barata para a 14 de Março.

Segundo conta a tradição, após o achado da imagem às margens do Murutucu, a Santa foi levada por Plácido para a sua casa. Porém, a imagem teria retornado para o local de origem, no igarapé. Diante do fato recebido como um milagre, o caçador decidiu construir a morada da imagem no local onde ela foi encontrada. Era o primeiro vestígio do que

posteriormente veio se transformar na Basílica.

Em um primeiro momento, a cobertura foi feita de palha e posteriormente deu lugar a uma igreja que tinha suas torres voltadas para o igarapé. Apenas em 1909 a Basílica de Nazaré começou a ser construída, já sem a presença do Igarapé do Murutucu. Apesar do desaparecimento do rio, aterrado com o tempo e com o desenvolvimento, ainda hoje é possível ver um último vestígio do igarapé em que foi encontrada a imagem, o canal da travessa 14 de Março.

O historiador Rudivaldo Souza lembra que o processo de ocupação e urbanização de Belém se desenvolveu de forma desordenada no espaço urbano, sendo marcado pela migração de pessoas para a capital em busca de melhores condições de vida. Como consequência, se observou um grande inchaço populacional em Belém, o que não foi diferente nas proximidades da igreja de Nossa Senhora de Nazaré, que com o passar do tempo passou por uma organização gradativa do espaço urbano.

“O Largo de Nazaré, que hoje é a Avenida Nazaré, era conhecido como Caminho da Utinga. Com o tempo, o Largo de Nazaré se transformou na Avenida Nazaré, um dos principais eixos da cidade”, aponta. “Em 1982, o Largo de Nazaré, com seus coretos peculiares e pavilhões armados para o arraial, a Praça Santuário que faz parte do Conjunto Arquitetônico de Nazaré (CAN), com suas linhas modernas, gradil, altar-central, concha acústica. Sua inauguração aumentou o espaço para as apresentações de artistas locais e nacionais no período das festividades do Círio, com sua concha acústica transformando-se em espaço para a apresentação da cultura paraense durante a quinzena festiva do arraial”.

Dentro deste contexto, a travessa 14 de Março, que passa aos fundos da Basílica, também foi se estruturando, correspondendo hoje a uma das principais travessas no centro da cidade e prestando homenagem à imperatriz consorte do Império do Brasil, Thereza Christina. “A travessa 14 de Março é uma homenagem à data de nascimento (14 de março de 1822) da Thereza Cristina, esposa de dom Pedro II, que em 04 de abril de 1876 visitou a capital paraense”, explica o professor Ruivaldo Souza. “A Thereza Christina, princesa do Reino das Duas Sicílias, no Palácio Real, Nápoles (Itália), faleceu na cidade de Porto em Portugal, em 28 de dezembro de 1889. Ela foi imperatriz consorte do Império do Brasil, com reinado de 30 de maio de 1843 a 15 de novembro de 1889. Ela era filha do rei Francisco I, no ramo italiano da Casa de Bourbon”.



Mantendo essa referência até os dias de hoje, a travessa segue apresentando uma importância fundamental para o tráfego na cidade de Belém e abriga, inclusive, um

importante serviço de atendimento de saúde da população, o Hospital de Pronto Socorro Municipal Mário Pinotti, inaugurado em 1921.

Quando a aposentada Neu-

za Fernandes, de 83 anos, nasceu na casa onde mora até hoje na travessa 14 de Março, o hospital centenário já se fazia presente. Ao longo do tempo em que ela mora na travessa, as principais mudanças observadas ficaram por conta do trânsito de veículos, cada vez mais intenso. “Eu nasci aqui e acho que é uma boa rua para se morar. É perto de tudo, tem o PSM se a gente precisar de uma urgência, então é muito bom”, recorda. “O que mudou muito foi o trânsito, que está mais movimentado do que nunca. O que eu lembro que tinha e não tem mais, também, era a batalha de confetes no tempo do carnaval, isso se perdeu. Muita gente também já se mudou daqui, outros faleceram, gente nova chegou”.

Entre os antigos moradores da travessa, a também aposentada Otacinéia da Costa, 80 anos, segue na 14 de Março. Desde que ela se mudou para lá, se tornando vizinha de Neuza, já se vão 60 anos. “Aqui é muito bom porque é bem localizado. O ruim é só o barulho dos carros porque tem hora que o trânsito complica e é uma barulheira, mas fora isso é muito bom. Antes o sentido da rua era o contrário, depois que mudou pro que é agora”.

RESQUÍCIO

- Apesar do desaparecimento do antigo Igarapé Murutucu, aterrado com o tempo e com o desenvolvimento, ainda hoje é possível ver um último vestígio do rio em que foi encontrada a imagem original de Nossa Senhora de Nazaré em 1700, o canal da travessa 14 de Março.

Arquitetura religiosa e casarios são marcas da Travessa Padre Prudêncio

Nessa travessa de Belém, além de contribuir com a Igreja de Sant'Ana, o arquiteto de origem italiana Antônio José Landi também tinha residência. Saiba mais sobre a história dessa via

CIDADE

Cintia Magno

Desde que começou a ser estruturada no território de Belém, ainda no contexto de mudança do século 17 para o século 18, a travessa Padre Prudêncio já foi conhecida por dois outros nomes anteriores à nomenclatura atual. Em um cenário em que a capital paraense ainda era restrita ao seu primeiro bairro, a Cidade, o surgimento do bairro da Campina trouxe consigo novas ruas e travessas que ainda hoje são parte do cenário urbano de Belém, entre elas a travessa Padre Prudêncio.

Ainda no contexto do processo do crescimento urbano de Belém e de surgimento do bairro da Campina com suas ruas e travessas, o nome dado inicialmente à atual Padre Prudêncio foi o de travessa da Misericórdia.

O doutor em história social e professor da Universidade do Estado do Pará (Uepa), Amilson Pinheiro, aponta que a via atendeu por esse nome durante algum



O nome dado inicialmente à atual Padre Prudêncio, no bairro da Campina, foi o de travessa da Misericórdia

FOTOS: WAGNER ALMEIDA

tempo, até que a partir do final do século 18 e parte do século 19, ela passou a ser conhecida como travessa Landi, uma referência ao arquiteto de origem italiana que foi responsável por grandes transformações no cenário da Belém ainda em formação da segunda metade do século 18.

“Antônio José Landi foi um dos principais arquitetos que passou pelo Pará e que deixou uma marca muito significativa na nossa arquitetura, sobretudo, a arquitetura colonial”, explica. “Nessa travessa, além de contribuir com a

Igreja de Sant'Ana, o Landi também tinha residência, há registros históricos de que ele residiu nessa travessa e, por isso, ela foi chamada de travessa Landi. Só bem depois, de fato a partir do final do século 19 em diante, é que ela vai ganhar essa dominação de Padre Prudêncio”.

O historiador explica que a travessa é constituída de uma arquitetura que foi sendo mudada e adaptada à cidade ao longo dos séculos 18, 19 e 20, ganhando características de acordo com a dinâmica urbana de cada época.

“Então, a gente tem um conjunto de construções que foi mudando. Além dessa arquitetura religiosa que é uma das marcas da travessa, como a Igreja de Sant'Ana que tem uma grande importância para a arquitetura colonial, ela também tem uma série de casarios ainda do século 19 e início do século 20, casarios históricos que fazem parte deste conjunto monumental do patrimônio material de Belém”, explica.

“Tem também a própria Praça Barão do Rio Branco, que é um monumento muito importante para a região do

comércio da cidade e a partir do século 20 em diante ela também é inserida nesse processo comercial e esses casarões passam a integrar esse comércio da cidade de Belém”.

MEMÓRIA

O atual nome de Padre Prudêncio foi conferido à via também no contexto do século 19. O historiador Amilsson Pinheiro lembra que as ruas são importantes marcadores de memória e de uma memória que é seletiva, portanto, o atual nome da travessa está ligado à demarcação de que história se pretendia tornar oficial na época.

“Em torno dessa memória seletiva tenta-se construir narrativas e esses monumentos e ruas são importantes para que tipo de história se quer tornar oficial. Então, cidades como Belém, por exemplo, vão mudando os nomes de suas ruas exatamente ligado a essa questão de que história e de que memória você quer transformar em oficial e a partir do século 19, principalmente depois da derrota do Movimento Cabano, as forças da legalidade do governo vão, de alguma forma, tentar apagar a memória revolucionária da Cabanagem e exaltar uma outra memória que significasse a ordem, o poder, a memória dos vencedores”.

Com isso, o professor explica que várias ruas de Belém passaram a ter essa simbologia ligada aos que atuaram para reprimir o movimento Cabano e uma delas é a travessa Padre Prudêncio, nome que faz referência a um homem que esteve diretamente ligado ao combate à Cabanagem. “O nome dele, na verdade, era Prudêncio José das Mercês Tavares. Além da questão religiosa, ele teve um



importante papel político, ele foi Deputado Provincial, ele foi Juiz de Paz e Comandante Geral das Tropas Legalistas em Ação contra os Cabanos. Então, ele atuava em nome do Governo lutando contra a Cabanagem”, aponta.

“Nessa função de Comandante Geral das Tropas contra a Cabanagem, coube a ele dirigir a Defesa de Cametá, que era um importante lugar de resistência Cabana. Ele era responsável por proteger Cametá, que compreendia os postos militares do Tocantins, Oeiras, Portel e Melgaço. E ele ficou incumbido de ter essa missão, evitando que os rebeldes invadissem essa região que, in-

clusive, era a sua terra natal”.

Atuando nessas diferentes frentes, Padre Prudêncio foi um homem do século 19, que nasceu em 1810 e faleceu no dia 14 de fevereiro de 1861, e que ficou marcado pela atuação na repressão à Cabanagem.

“A história dele é atrelada a essa derrota do movimento Cabano, primeiro em Belém a partir de 1836 e que vai se alongar numa longa disputa até 1840, quando os Cabanos de fato vão ser derrotados em outras regiões do Pará, então, o Padre Prudêncio estava diretamente relacionado a essa memória dos vencedores, dos que derrotaram o movimento Cabano”.

SAIBA MAIS

● NOMES

A travessa Padre Prudêncio foi inicialmente chamada de travessa da Misericórdia e depois de travessa Landi, em homenagem ao arquiteto italiano Antônio José Landi que residiu na via e foi responsável pelos projetos de prédios históricos que estão presentes na capital paraense até hoje, como é o caso do Palácio do Governo (hoje Museu do Estado), assim como as Igrejas de Nossa Senhora do Carmo, de São João Batista e de Sant’Ana, entre outras construções. Fonte: Livro ‘Ruas de Belém’, de Ernesto Cruz.

● IGREJAS

Saiba mais sobre duas importantes igrejas localizadas na travessa Padre Prudêncio.

Igreja de Sant’Ana

Considerada uma assinatura de Landi na arquitetura religiosa, a Igreja de Sant’Ana, cuja pedra fundamental foi lançada por volta de 1760, foi uma construção erguida em função de arrecadações das irmandades do Santíssimo Sacramento, da qual Landi fazia parte, já que era devoto de Sant’Ana. A historiografia aponta que Landi forneceu o projeto da igreja e ainda contribuiu com recursos e mão de obra para a construção dela.

Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos

A primeira construção foi uma ermida muito simples e que acabou sendo demolida em 1725. A construção atual data do século XIX. Com pouca documentação existente sobre a construção, o que se sabe é que ela foi erguida por uma irmandade composta por pessoas escravizadas e negros libertos. Dentre os destaques da construção, é possível ver que os anjos que decoram o seu interior têm feições caboclas e negras. Fonte: Com informações do livro ‘Igrejas, Palácios e Palacetes de Belém’, de Jussara da Silveira Derenji e Jorge Derenji, publicado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).



Bernardo Sayão: o processo de ocupação da via próxima ao Rio Guamá

Inicialmente chamada de Estrada Nova, a Bernardo Sayão ajuda a conhecer não apenas o processo de ocupação daquela área de Belém, mas até mesmo parte das relações estabelecidas pelo Brasil durante a Segunda Guerra



CIDADE

Cintia Magno

O percurso de quase 6 km que se estende a partir do Arsenal da Marinha até onde hoje se encontra o Campus Guamá da Universidade Federal do Pará

(UFPA) caracteriza um período histórico em que se dá o início do processo de drenagem da área que margeava o Rio Guamá em Belém.

Inicialmente chamada de Estrada Nova, a atual avenida Bernardo Sayão ajuda a conhecer não apenas o processo de ocupação daquela área da cidade, mas até mesmo parte

das relações estabelecidas pelo Brasil durante a Segunda Guerra Mundial.

Diretamente relacionada ao que se conhece como Baía da Estrada Nova, a avenida Bernardo Sayão tem sua história ligada a elementos que vêm desde o período colonial. O doutor em história social e professor da Uni-

versidade do Estado do Pará (Uepa), Amilson Pinheiro, explica que, inicialmente, o que havia era uma ocupação ainda muito incipiente naquela região, o que foi se modificando com o passar do tempo e das transformações promovidas na área.

“Existem trabalhos como o do Antônio da Rocha Pen-

teado, que é um trabalho muito importante para a gente entender essa questão geográfica do desenvolvimento urbano de Belém, em que a gente já consegue ver que desde o período Colonial já havia uma ocupação nessa área de forma muito incipiente, porque havia uma adversidade natural muito grande para se estabelecer moradia naquela região, uma vez que era constante o processo de alagamento dessa área”.

Nesse sentido, o historiador esclarece que mesmo que aquela região estivesse, do ponto de vista espacial geográfico, próxima do centro da cidade na época, ao longo dos séculos havia informações apenas de algumas choupanas muito isoladas instaladas ali, devido à grande dificuldade de se construir um processo de ocupação mais denso naquela região ainda marcada como uma área muito insalubre, de muito alagamento e de muitas doenças.

Porém, Amilson explica que, a partir de meados do século 20, houve um momento histórico que transformou aquela área que margeava o Rio Guamá de uma área praticamente desabitada, para uma área povoada e que se tornou importantíssima para que os bairros da Condor, Jurunas e Guamá tivessem uma ocupação populacional maior.

“No início da Segunda Guerra Mundial o Brasil se manteve neutro, mas, devido a acontecimentos históricos, a partir de 1942 o Brasil entra na Segunda Guerra, Vargas declara guerra sobretudo contra países do Eixo, como Alemanha, Itália e aí se alia aos Estados Unidos, por exemplo”, contextualiza.



EM IMAGENS ❶ e ❷ **Via se estende** a partir do Arsenal da Marinha até onde se encontra o Campus Guamá da UFPA FOTOS: WAGNER ALMEIDA ❸ **Avenida Bernardo Sayão em 1944** FOTO: ACERVO ARQUIVO NACIONAL

“É nesse processo que os Estados Unidos vão criar algumas bases em alguns lugares estratégicos devido a autonomia dos aviões ser bastante limitada naquele momento, eles não conseguiam voar longos percursos sem ser reabastecidos. Então, se criava a base onde se montavam e abasteciam aviões e uma dessas bases foi em Belém”.

Neste processo, muitos soldados militares americanos vieram para cá e foram acometidos de várias doenças tropicais devido à grande quantidade de insetos e mosquitos que havia em Belém. Doenças como a febre amarela e a malária contaminavam bastante esses militares e um dos motivos percebidos que ocasionava essa contaminação era exatamente a existência dessas áreas que alagavam e que proporciona-

vam a reprodução de muitos insetos e mosquitos.

“Então, resolveu-se fazer uma política de boa vizinhança com os americanos, que resolveram ajudar na construção de um grande dique, uma construção que pudesse conter o alagamento do rio sobre essas áreas que margeiam o Rio Guamá, em Belém”.

As obras de construção do dique foram assinadas a partir de 1943 e tiveram início em 1944. O dique foi construído e, dois anos depois, ele foi alargado, o que possibilitou a ocupação de pessoas naquela região que, a partir das décadas de 50 a 80, segundo explica o professor Amilson Pinheiro, vai se caracterizar como uma área de ocupação de uma população muito mais pobre e migrante, vinda sobretudo do interior.

“A luta pela terra, pela

ocupação urbana se intensifica durante a Ditadura Militar, nos anos das décadas de 60, 70 e 80, e essa população mais pobre, sem condições de morar e ocupar áreas mais nobres de Belém, vai ocupando essas áreas de baixada, áreas alagadiças de várzeas que estavam margeando o Rio Guamá. E é em torno desse dique que vai surgir o que a gente chama de Estrada Nova”.

Naquele momento, a Estrada Nova era caracterizada por condições de ocupação muito precárias, sem condições de saneamento básico, esgoto ou acesso a água encanada. O historiador aponta que essa vai ser uma marca daquela região durante décadas. “Somente a partir de 1996 é que começa um projeto para se tentar mudar, drenar e fazer uma outra estrutura nesta região”.



BERNARDO SAYÃO

O processo de drenagem, construção do dique e surgimento de uma estrada margeando o Rio Guamá, em Belém, coincidiu com o Governo de Juscelino Kubitschek, a partir da segunda metade da década de 50 do século 20. E uma das figuras que teve uma participação importante para colocar em prática as medidas implantadas por JK foi justamente o homem que, hoje, é homenageado pela atual avenida.

“Uma das marcas do governo do Juscelino Kubitschek foi a

abertura de rodovias e estradas, caracterizada, sobretudo, pela Belém-Brasília e um dos principais engenheiros que vai atuar nesse processo e que vai ser um braço direito do JK foi o engenheiro Bernardo Sayão, que era conhecido como um abridor de estradas”, explica Amilson Pinheiro.

“Ele nasceu no Rio de Janeiro, por volta de 1903, e era conhecido como um criador de povoações, político - ele chegou a ser vice-governador de Goiás - e foi inserido nesse processo durante a construção da Belém-Brasília de

forma muito atuante”.

Foi durante essa sua atuação profissional que Bernardo Sayão acabou falecendo no ano de 1959, em decorrência de um acidente na divisa do Pará com o Maranhão, próximo de onde hoje está o município de Viseu. “Ele estava em uma barraca, estavam construindo a abertura de estradas, e uma grande árvore desabou em cima da barraca em que ele estava. Ele ainda foi socorrido, com vida, em um helicóptero, mas acabou não resistindo e ficou como um marco dessa

abertura de rodovias, estradas, desse processo de ligação do Brasil durante o governo do Juscelino Kubitschek”, aponta o historiador.

“Nesse mesmo período estava se tornando mais importante para Belém essa Estrada Nova, que ligava essa várzea que margeava o Rio Guamá. E devido a comoção que foi a morte do Bernardo Sayão, se homenageou essa nova estrada como avenida Bernardo Sayão, nesse processo de urbanização que ela passou a partir desses anos em diante da segunda metade do século XX”.

Com a Claro,
você se conecta +
com o conteúdo
que ama de qualquer
lugar da casa.

Eu  conexão

Banda Larga
**500
MEGA**

2 Wi-Fi Mesh
+
Já vem com
globoplay

Tudo por apenas
R\$ 119,90
/mês,
no Claro Multi

0800-720-1234 | CLARO.COM.BR/VERAO

Oferta válida exclusivamente na contratação do serviço anunciado no Claro Multi, com plano móvel e/ou plano de TV. Dependendo da cidade e localidade, a rede fixa pode não ser composta integralmente por fibra ótica: o trecho final de conexão é composto por cabos coaxiais; consulte os endereços com rede 100% fibra ótica. Oferta válida até 31/1/2025 e sujeita à análise de crédito, permanência mínima de 12 meses, multa proporcional, pagamento em débito automático e fatura digital. O valor engloba o serviço Claro Virtua mais dois extensores Wi-Fi Mesh mais benefício de acesso ao Globoplay. Os extensores Wi-Fi Mesh são exclusivos para clientes com serviço ativo de banda larga, sendo permitida a contratação de até quatro extensores. O sinal do modem Wi-Fi pode sofrer limitações de acordo com obstáculos internos que dificultem a propagação do sinal e da distância do equipamento ao ponto de acesso à internet. A velocidade anunciada, de acesso e tráfego na internet, é a nominal máxima, podendo sofrer variações decorrentes do computador/equipamento do cliente e de fatores externos. Consulte condições de aquisição em www.claro.com.br ou ligue para 10621. Imagem gerada por Inteligência Artificial.

Claro

PRIMEIRO DO NORTE

O HSM é o primeiro hospital do Norte a realizar transplante alogênico de medula óssea

- O HSM é o primeiro hospital no Norte do país a realizar transplante alogênico
- O Hospital HSM, mais uma vez se torna pioneiro em procedimentos e tornou-se a primeira instituição do Norte do Brasil a realizar transplantes alogênicos de medula óssea, oferecendo esperança para pacientes com doenças hematológicas graves.
- O transplante alogênico de medula óssea transfere células-tronco saudáveis de um doador compatível para o paciente, promovendo a recuperação e melhorando a qualidade de vida.
- O pioneirismo do HSM beneficia pacientes ao evitar deslocamentos para outras regiões.
- O HSM também realiza desde 2022 o Transplante Autólogo de Medula Óssea, procedimento essencial para pacientes portadores de Mieloma Múltiplo e Linfomas, e até o momento, perto de 50 pacientes já foram beneficiados por esta modalidade de transplante!



**QUALIDADE E ATENDIMENTO
HUMANIZADO, NUM SÓ LUGAR.**

● Geral / Whatsapp: 3181-7000

● Exames: 3239-9000

● Consultas: 3211-4400

